

VIDA E MORTE DAS PEQUENAS ESCOLAS DE SAMBA

UMA APROXIMAÇÃO HISTÓRICA E ANTROPOLÓGICA DAS
ESCOLAS DOS GRUPOS DE ACESSO "C", "D" E "E"
DO RIO DE JANEIRO

Eugênio Araújo

O artigo se debruça sobre alguns processos de criação, evolução e organização das pequenas escolas de samba do carnaval do Rio de Janeiro.

**ESCOLA DE SAMBA, DINÂMICA CULTURAL,
CARNAVAL**

ARAÚJO, Eugênio. Vida e morte das pequenas escolas de samba: uma aproximação histórica e antropológica das escolas dos grupos de acesso "C", "D" e "E" do Rio de Janeiro. *Textos escolhidos de cultura e arte populares*, Rio de Janeiro, v.6, n.1, p. 51-66, 2009.

Tenho observado, nos últimos anos, processos de retração e extinção de muitos grupos sambistas em cidades brasileiras do Norte e Nordeste, em especial São Luís, Belém, Teresina e Fortaleza, onde havia muitas escolas de samba (ARAÚJO, 2001). A opção de fazer um estudo mais detalhado sobre as escolas de samba coirmãs cariocas, traduz um esforço de investigação sobre a manifestação em seu próprio berço, na cidade que criou e divulgou o modelo de “escola de samba” como é conhecido.¹

Investigo alguns aspectos históricos, baseado em documentos, publicações e notícias jornalísticas, bem como efetuo uma abordagem antropológica dialogando diretamente com alguns agentes envolvidos na administração das agremiações e da Associação das Escolas de Samba da Cidade do Rio de Janeiro (AESCRJ)². Em alguns momentos aciono informações relativas ao Grupo Especial, considerando uma análise relacional do mundo do samba carioca, do qual participam tanto as grandes quanto as pequenas escolas, em relações legais e informais de cooperação, competição, inclusão e exclusão.

A cidade do Rio de Janeiro possui hoje cerca de 80 escolas de samba organizadas em grupos por ordem hierárquica: 12 no Grupo Especial, mais ou menos 60 distribuídas entre o Grupo de Acesso, Grupos Rio de Janeiro 1, 2, 3 e 4 e as escolas mirins. O Grupo Especial, que desfila na Avenida Marquês de Sapucaí, é regido pela Liga Independente das Escolas de Samba (Liesa), entidade fundada em 1984 pelas maiores escolas de samba (com orçamentos de vários milhões de reais). O Grupo de Acesso, congrega atualmente 12 escolas e é administrado pela Liga das Escolas de Samba do Grupo de Acesso (Lesga), criada em 2008 por algumas escolas integrantes do antigo Grupo de Acesso A³. Os Grupos Rio de Janeiro 1, 2, 3 e 4 (antigos Grupos de Acesso B, C, D e E) estão sujeitos legalmente à AESCRJ.

O Grupo de Acesso e o Grupo Rio de Janeiro 1 também desfilam na Sapucaí com subvenções maiores. Os Grupos Rio de Janeiro 2, 3 e 4, com subvenções bem menores repassadas pela AESCRJ, desfilam na avenida Intendente Magalhães, em Campinho (bairro próximo a Madureira). Embora haja um esforço no sentido da harmonia entre elas, a simples existência de três entidades representativas já coloca a possibilidade de conflitos (efetivamente, em meados da década de 1990 houve uma crise envolvendo a Liesa e a AESCRJ), como será visto adiante; mais recentemente, a criação da Lesga também acirrou os ânimos. Além do mais, o poder de barganha com órgãos da iniciativa pública e privada é notavelmente diferenciado⁴.

A atuação da Liesa está diretamente relacionada com as políticas públicas de atração de turismo, atividade econômica à qual a cidade do Rio de Janeiro deve muito de sua fama e receita; possui também comunicação com o poder paralelo, o mundo da contravenção do jogo do bicho e do crime organizado. (CHINELLI & MACHADO, 1993; CAVALCANTI, 1994) A atuação da Associação dá-se mais em nível organizacional, de manutenção e administração hierárquica dos grupos sambistas subalternos, filtrando o grau de excelência que permite a ascensão das escolas menores aos Grupos Rio de Janeiro 1, de Acesso e Especial, com direito ao desfile na Marquês de Sapucaí, principal vitrine da festa carioca. Isso pode ser verificado através da rigidez dos critérios de julgamento que perfa-

zem uma curva ascendente, na medida em que as escolas sobem do Grupo Rio de Janeiro 4 para o Especial:

No Grupo de Acesso A são exigidas **cinco** alegorias; no Grupo B, **quatro**; no Grupo C, **três** e nos Grupos D e E, só **uma**. Nos Grupos A e B nós adotamos em 2004, quatro jurados para cada quesito; para chegar a uma média eliminamos a maior e a menor nota, ficando com as duas intermediárias [...] Procuramos sempre orientar os nossos jurados para não usarem como referência as escolas do Grupo Especial, que primam pelo luxo e pela riqueza, por conta dos recursos. (Entrevista com diretor da AESCRJ, Rio de Janeiro, 2004)

Assim, como percebeu Da Matta (1990) em fins de 1970, o mundo do carnaval mostra-se rigidamente hierarquizado e, dentro dele, operam várias estratégias de seleção, diferenciação e elitização. O campo do carnaval é caracterizado pela competição, uma guerra mais ou menos declarada pela tomada das posições de poder, o que envolve não apenas artistas, mas investidores, patrocinadores e públicos. Sugiro uma interpretação agonística do “mundo do carnaval carioca”. (LEOPOLDI, 1977; CUNHA, 2001) Configura-se um campo esquemático que coloca as escolas do Grupo Especial como pertencentes à “elite” do carnaval e as escolas menores como pleiteantes a tomarem parte nela. Por parte dos sambistas, há muita reclamação sobre os concursos, que acabariam reafirmando posições já estabelecidas, já que as regras aparentemente “democráticas” seriam manipuladas em favor daqueles que mantêm posições privilegiadas, atualizando, no Rio contemporâneo, relações de apadrinhamento típicas dos círculos cortesãos e da política mais tradicional.

Mas há estratégias “legais” que facilitam e/ou promovem a ascendência: apresentar um espetáculo visualmente rico (característico dos grupos que detêm mais poder econômico), um “profissionalismo maior” ou “uma administração mais eficiente”, parece fazer parte dos critérios hoje observados, enfatizando a importância de uma abordagem cada vez mais racionalista da administração e mais técnica dos desfiles.

Tem muita escola mal administrada que fica só esperando pelo dinheiro do poder público, sem fazer nada o ano inteiro. Assim não dá mais! Nós achamos que as escolas têm que aprender a andar com as próprias pernas, manter a quadra ativa durante todo o ano, ir em busca de parcerias. Estamos organizando oficinas específicas para o pessoal administrativo, pra cuidar melhor do patrimônio dessas escolas [...] Faltam quadros capacitados pra fazer isso. Por isso muitas escolas consideradas grandes e tradicionais estão em decadência há vários anos, por falta de maior administração. (Entrevista com diretor da AESCRJ, Rio de Janeiro, 2004)

Verifica-se uma espécie de esforço pelo afunilamento do campo, que já estaria esgarçado, prejudicando a exploração comercial da festa. Há mesmo a clara intenção, por parte dos administradores e gestores do carnaval carioca (Liesa, AESCRJ, Prefeitura, Estado) de diminuir o número de escolas, hoje considerado alto, “eliminar gordura”, como diz o presidente da Liesa:

Já vimos que o desfile está ficando cansativo no fim. É grande demais. E existem escolas que estão se perpetuando naquela faixa das últimas colocadas. É

uma gordura que precisa ser lipoaspirada. As escolas que investem estão disputando sempre. Não se pode prejudicar a festa. Ou a escola cresce ou desce. (Entrevista com Ailton Guimarães, presidente da Liesa)⁵

“Já temos escolas demais!” tornou-se uma frase comum entre os gestores do carnaval, quase sempre seguida por justificativas que começam com “Essas escolinhas são muito mal administradas”. Tal diminutivo tem toda a ambiguidade desta forma nominativa: muitas vezes usado de forma carinhosa, traduzindo a atenção e o afeto diferenciados que merecem as coisas pequenas, em outras, é sacado para realçar a desimportância⁶.

Na verdade, ninguém quer ser “escolinha”; uma prerrogativa desejável na trajetória de uma escola de samba é o seu crescimento. Mesmo nascendo “pequena” – como nascem quase todas e quase tudo – ela deve crescer, desenvolver-se, ganhar adeptos, angariar simpatias, relacionar-se bem com suas coirmãs e, preferencialmente, ir vencendo os desfiles e passando dos grupos menores para os maiores, até chegar ao Grupo Especial (meta ideal), onde já estão estabelecidas as escolas “adultas”, grandes, ricas e influentes, que podem ditar as regras e modas do carnaval sambista carioca e por extensão, do país. Na prática, a grande maioria permanece com *status* de “pequena escola”, sendo mais fácil diminuir ou estagnar que crescer. Esta trajetória ideal rumo ao sucesso só se torna possível para uma minoria dentro do universo de tantas escolas. Grande parte delas sequer almeja tanto, esforçando-se apenas para continuar existindo, mantendo sua colocação no grupo ao qual pertence. É o chamado “carnaval de manutenção”, que na atual conjuntura, já significa um esforço considerável.

O Quadro 1 apresenta um esboço do campo do carnaval carioca até 2007. Pela colocação das pequenas agremiações, observa-se que seu papel vem sendo contestado e contrastado a partir do restabelecimento de outros modelos de carnaval: o surgimento ou ressurgimento de pequenos carnavais de bairros, blocos de rua, desfiles improvisados etc. Há ainda as famosas bandas da zona sul, como a de Ipanema, que estabelecem circuitos temporários nos dias em que saem às ruas. As bandas mais tradicionais já originaram uma plêiade de descendentes, criados nos últimos anos em contraponto à hegemonia das escolas de samba. Os foliões da Zona Sul carioca parecem ter feito opção por outro modelo de carnaval mais afeito ao que é chamado de “carnaval de rua”, com acen-tuação dionisíaca. A multiplicidade de referências musicais também dá o tom nestes encontros: os jovens preferem ouvir pagode, *axé music* ou *funk*. Há uma grande variedade de manifestações com perfil, localização e públicos próprios, cada uma satisfazendo diferentes tipos de anseios carnavalescos, que têm recebido especial atenção não só da mídia como dos estudiosos.

Um mesmo carnaval, como por exemplo, o do Rio de Janeiro, está longe de poder ser definido como uma manifestação única. A festa carioca abrange eventos tão diversos quanto o grande desfile das escolas de samba, os blocos e as bandas que ocupam ruas da cidade e os grupos de clóvis, mais presentes em áreas de forte passado rural. Faz-se necessário desse modo, a construção de um conceito que possa relacionar essas festas dentro de uma mesma questão e que não se satisfaça com explicações gerais. (FERREIRA, 2005, p. 316-317).

Quadro 1: O CAMPO DO CARNAVAL CARIOCA – 2005/2007	
LIESA/JOGO DO BICHO (2005) Presidência: Capitão Guimarães 1987-1993/ 2001-2007 Ex-presidentes mais influentes: Cas- tor de Andrade, Anísio Abrão David, Luizinho Drumond faturamento.: R\$ 70,9 milhões	PODER PÚBLICO Prefeitura: investimento: R\$15,5 mi- lhões/ faturamento: R\$5,5 milhões Marco mais recente: Brizola 1984 – Sambódromo
MANIFESTAÇÕES CARNAVALESCAS	
Maior visibilidade, investimentos e mídia GRUPO ESPECIAL LIESA Investimento da LIESA em 2005: R\$ 28 milhões Investimento do Governo do Estado em 2006: R\$ 4 milhões.	Visibilidade crescente nos últimos 10 anos CARNAVAL DE RUA: blocos de Empolgação, bandas tra- dicionais (Ipanema, Bola Pre- ta), bandas novas, circuitos de rua (Presidente Vargas, Rio Branco, Cinelândia, Santa Tereza, Madureira), Blocos de Clóvis
Visibilidade média: ESCOLAS DE SAMBA MIRINS/LIESA: 12 escolas agregadas às grandes Investimento (2005): R\$ 500 mil 2º maior público do sambódromo Individualmente, orçamento maior que o das escolas dos Grupos de Acesso C, D e E. GRUPOS de Acesso A e B/AESCRJ (24 escolas)	
Menor visibilidade, investimentos e mídia ESCOLAS DOS GRUPOS DE ACESSO C, D e E/AESCRJ Mais de 30 escolas desfilam na Intendente Magalhães OUTRAS MANIFESTAÇÕES Desfiles de fantasias, Blocos de enredo. Festas dos Grandes Clubes	

Nossas as observações em São Luís, Belém e Teresina identificaram muitos gru-
 pos que tentaram transpor o modelo carioca para suas cidades e ficaram desanimados
 diante de uma sensação de “insuficiência estética”, frustrando a classe média investidora
 e o público em geral – por conta disso, estes agentes resolveram optar por outro modelo
 de brincadeira carnavalesca, com destaque para o carnaval de trio elétrico. No Nordeste,
 a distância geográfica em relação ao Rio, a proximidade com as cidades onde foram forja-
 dos outros modelos positivos da festa – em especial Salvador, Recife e Olinda –, a satisfa-
 ção com os processos de transposição desses modelos, além da influência de certa ideo-
 logia regionalista, têm determinado o andamento das mudanças. O modelo de “carnaval
 de rua”, cujas principais atrações são os vários tipos de blocos, e que se estabelece atra-

vés da delimitação de “circuitos carnavalescos” no espaço urbano, vem se fortalecendo e determinando a substituição de alguns tipos de brincadeiras por outras mais adequadas a tal modelo. Nesse processo, as escolas de samba vêm perdendo espaço.

Observando os desfiles das pequenas escolas cariocas e conversando com seus mantenedores, constatei que na própria “cidade do samba” a sensação de insuficiência também está presente. Para eles também, apesar de tão próximo, o desfile do Grupo Especial é uma utopia, um ponto inatingível. A impossibilidade de fazê-lo deve-se a inúmeros fatores – e o econômico não é o único nem o principal.

Um problema importante e frequentemente encontrado surge da concentração da discussão na desigualdade de rendas como o foco primário de atenção na análise da desigualdade. A extensão da desigualdade real de oportunidades com que as pessoas se defrontam não pode ser prontamente deduzida da magnitude da desigualdade de rendas, pois o que podemos ou não fazer, podemos ou não realizar, não depende somente de nossas rendas, mas também de uma variedade de características físicas e sociais que afetam nossas vidas e fazem de nós o que somos. (SEN, 2001, p. 60).

GRUPOS DE ACESSO: UM POUCO DE HISTÓRIA

O processo de criação e desaparecimento das escolas de samba foi até hoje pouco estudado. Mídia e pesquisadores se interessam mais pela manifestação quando está no “auge”, quando uma escola cresce e ganha notoriedade. A fundação dos grupos costuma ser acionada através da tradição oral dos agentes comunitários mais velhos; mesmo no *site* da AESCRJ (www.aescrij.com.br) as informações sobre a fundação das agremiações são escassas. Quanto ao desaparecimento, menos ainda. As escolas de samba costumam ser lembradas apenas através dos seus desfiles anuais. Deixar de participar do rito é começar a ser esquecida. Se a ausência se prolonga por muitos anos, a extinção do grupo é quase certa, mesmo que, em alguns casos, a comunidade guarde a memória, parte do patrimônio e a vontade de voltar a “botar a escola na rua”, o que poucas vezes se concretiza. De certo modo, é mais fácil fundar uma nova escola, livre de dívidas e de antigas relações personalistas que atravancam o crescimento das agremiações. Tentei captar parte dessa dinâmica na cidade do Rio de Janeiro, onde o surgimento de novas escolas tem relação direta com a estrutura dos Grupos de Acesso e com os blocos de enredo, visto que para vir a ser escola é preciso passar por um desfile teste, realizado no Grupo Rio de Janeiro 4, o último da hierarquia.

Como é possível acompanhar, através do Quadro 2, entre 1960 a 1978 as escolas de samba cariocas estavam divididas em apenas três grupos (1, 2 e 3), em escala descendente de antiguidade, tradição e excelência de desfile – eram então cerca de 40 a 50 escolas de samba⁷. A partir de 1979 a denominação muda e o universo cresce: agora são quatro grupos, denominados 1A, 1B, 2A e 2B, seguindo a mesma lógica, o número de escolas se mantém, apenas mais bem divididas. Em 1989 aparece pela primeira vez a denominação “Grupos de Acesso” para indicar aquelas agremiações “recém-formadas, aspirantes a participarem oficialmente dos desfiles”. (RIOTUR, 1991)

QUADRO 02 – Evolução da nomenclatura hierárquica e número de escolas							
ANO	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3				TOTAL
1960	12	19	17				48
1962	10	15	25				50
1964	10	13	28				51
1966	10	15	28				53
1968	10	14	22				46
1970	10	16	16				42
1972	12	17	11				40
1974	10	16	18				44
1976	14	20	10				44
1978	10	16	18				44
	Grupo 1A	Grupo 1B	Grupo 2A	Grupo 2B			
1979	8	8	14	14			44
1982	12	12	12	8			44
1984	14	12	11	6			43
1986	15	9	12	9			45
	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3	Grupo 4	Acesso		
1987	12	9	12	10			43
1989	18	10	11	7	9		55
	Especial	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3	Acesso		
1990	16	10	12	10	9		57
1994	16	16	12	12	3		59
	Especial	Acesso A	Acesso B	Acesso C	Acesso D	Acesso E	
1996	18	10	12	12	12	6	70
2004	14	12	12	12	12	10	72
2005	14	13	12	14	14	08	75
2006	12	12	13	14	14	06	71
2007	12	12	12	14	14	07	71
2008	12	12	12	14	14	10	74
	Especial	Acesso	RJ 1	RJ 2	RJ 3	RJ 4	
2009	12	10	13	14	14	08	71

Em 1990 a nomenclatura volta a mudar: é criado o Grupo Especial, seguido pelos Grupos 1, 2, 3 e mais o Grupo de Acesso, por enquanto um grupo genérico que reunia as escolas aspirantes, como definia o manual da Riotur. Já eram então cinco grupos hierarquizados. Em 1996, formatou-se outra configuração: Grupo Especial e mais os cinco Gru-

pos de Acesso (A, B, C, D e E), perfazendo um total de seis grupos hierarquizados – esta organização perdurou até 2008, quando se opera mais uma mudança estrutural: as escolas do antigo Grupo de Acesso A desligam-se da AESCRJ, fundando sua própria entidade representativa, a Lesga. Elas formam hoje o “Grupo de Acesso”, devido à sua proximidade estratégica com o Grupo Especial, enquanto as restantes ficaram divididas nos Grupos Rio de Janeiro 1, 2, 3 e 4.

Entre 1968, quando desfilaram 46 escolas e os anos 2000, quando desfilam mais de 70, observa-se um aumento considerável do número de escolas de samba na cidade do Rio de Janeiro. Até 1987 o número de escolas se manteve mais ou menos estável, oscilando entre 40 e 50 agremiações. A partir de 1990, observa-se um fenômeno curioso: várias das antigas escolas ficam inativas ou desaparecem, enquanto muitas outras são criadas. Entre 1988 e 1999 surgem nada menos que 16 novas escolas, o que dá uma média de quase duas escolas por ano, como demonstra o Quadro 3, acionando a origem de alguns grupos, quando isso foi possível.

Tais dados surpreendem, pois a década de 1990 representa o auge daquilo que já identifiquei como “processo de retração” das agremiações sambistas em algumas cidades do Brasil. O Rio, no entanto, parecia ir na contramão. Mas uma crise entre Liesa e AESCRJ neste período, ajuda a entender melhor o ocorrido, como conta um diretor:

Por volta de 1996 houve um racha na Associação. Houve vários problemas sérios com a Santa Cruz, a Tradição, eles estavam muito insatisfeitos, se juntaram com Paulo Almeida – que era presidente da Liesa na época – e fundaram a Liesga (Liga Independente das Escolas de Samba dos Grupos de Acesso). Fizemos promessas de aumento de verbas e quase todas as escolas se debandaram para essa liga. Ficou meia dúzia de gatos pingados aqui. Nós fizemos dois carnavais sem subsídio, não recebemos nada, mas mantivemos a tradição da Avenida Rio Branco. As despesas da Associação eram pagas todas pelos membros da diretoria. Mas quando o Paulo saiu da Liesa e assumiu o Jorge Castanheira, ele disse que só fazia acesso e descenso com a AESCRJ, dando força para a Associação. Aí as escolas voltaram todas para cá e houve o problema do inchaço. Ficaram muitas escolas, mas já eliminamos algumas. Havia bairro com três escolas. Já conseguimos acabar com isso. (Entrevista com diretor da AESCRJ. Rio de Janeiro, 2008)

Se em outros estados, a década de 1990 representou uma “retração” da manifestação escola de samba, no Rio observa-se uma “ampliação” às avessas, determinada por uma crise institucional, envolvendo as entidades representativas. A criação de escolas configura-se então como parte de uma estratégia para fortalecer a AESCRJ. Neste caso, o aumento do número de pequenas escolas pode não traduzir exatamente as aspirações organizatórias das comunidades, são escolas sem “condição ou vontade” como acentua um diretor da AESCRJ:

Tivemos que chamar vários blocos para virar escola de samba e fortalecer a Associação – muitos deles não estavam preparados nem queriam virar escola, mas nós tivemos que fazer isso. Por isso você vê muitas escolas sendo criadas na década de 1990. Mas agora acabou: não aceitamos mais tantas escolas, es-

QUADRO 03: Escolas de samba criadas a partir de 1984			
Nº	ESCOLA	Fundação	Origem
01	Unidos da Vila Kennedy	1984	Bloco/1968
02	Tradição	1984	Dissidência da Portela/1923
03	Boêmios de Inhaúma	1988	Bloco/1973
04	Moc. de Vicente de Carvalho		Blocos de Vicente de Carv.
05	Canários das Laranjeiras		Bloco/1949
06	Acadêmicos do Dendê	1989	Bloco Unidos do Dendê/1965
07	Unidos da Vila Rica	1988	Bloco Unidos da Villa Rica/1960
08	Acadêmicos de Vigário Geral	1991	
09	Alegria da Zona Sul	1992	Bloco Unidos de Copa + Bloco Unidos do Cantagalo
10	Renascer de Jacarepaguá		Bloco Bafo de Bode 1958
11	Moc. Unida do Santa Marta		
12	União do Parque Curicica	1993	
13	Inocentes de Belfort Roxo		Escola Unidos da Matriz 1992
14	Moc. Indep. Inhaúma	1995	
15	Arame de Ricardo de Albuquerque		
16	Sereno de Campo Grande	1996	
17	Unidos do Sacramento		Escola Foliões de Botafogo
18	Unidos do Anil	1997	Bloco Unidos do Anil/1974
19	Delírio da Zona Oeste	1998	
20	Gato de Bonsucesso	1999	Bloco/1974
21	Acadêmicos da Barra da Tijuca		
22	Paraíso da Alvorada	2002	
23	Corações Unidos do Amarelinho	2005	Bloco Unidos do Amarelinho
24	Rosas de Ouro		Bloco Rosas de Ouro

tamos mais criteriosos, nos anos 2000 só temos três escolas novas. (Entrevista com diretor da AESCRJ. Rio de Janeiro, 2008.)

Portanto, a dinâmica do campo é mais complexa do que aparenta e o simples aumento do número de escolas não garante níveis de vitalidade satisfatórios. Os números não podem ser analisados de maneira ligeira e absoluta: nem sempre uma escola com nome novo corresponde a um novo grupo social que se inicia na administração de uma agremiação sambista. Uma escola de samba pode nascer de muitas formas. Normalmente, a estrutura administrativa de um bloco de enredo ascendente decide transformar a agremiação em escola de samba – passa então pelo desfile-teste já aludido. No Rio de Janeiro a estrutura dos blocos de enredo, muito semelhante à das escolas de samba, favorece um período de incubação e maturação para os administradores destas pequenas

agregiações que podem pleitear futuramente a condição de escola de samba. Em outras cidades, a estrutura dos blocos é bem mais simples, não favorecendo tal empreitada⁸.

No Rio, entretanto, é compreensível que um bloco de enredo, crescendo muito, queira tornar-se escola de samba: chegando neste nível, regulamento, tamanho, estrutura sócio-administrativa e mão de obra são muito semelhantes. Assim, verificada a lista dos blocos de enredo que desfilaram no carnaval de 1985, constataremos que grande parte deles virou escola de samba. A maioria destas agregiações está hoje distribuída entre os Grupos Rio de Janeiro 2, 3 e 4. Algumas conseguiram ascendência maior e pertencem ao Grupo de Acesso e Rio de Janeiro 1. No entanto, apenas a G.R.E.S. Tradição, entre as escolas fundadas desde 1984, já esteve no Grupo Especial, o que demonstra o fechamento do campo para as “novatas”. Ao contrário, dentre aquelas que pertenceram durante muitos anos ao primeiro grupo do carnaval carioca, muitas decaíram para os Grupos de Acesso (Arrastão de Cascadura, Arranco do Engenho de Dentro, Acadêmicos da Santa Cruz, Unidos do Cabuçu, e mesmo a Estácio de Sá, a União da Ilha do Governador e o Império Serrano).

Outras vezes a estrutura decadente e cansada de uma escola é aproveitada por grupos já organizados (blocos de enredo, outras escolas, grupos políticos ou comunitários) para a criação de uma “nova” escola de samba – processo conhecido como “compra de escola”, que envolve muitas vezes transações financeiras: o grupo administrador abre mão da instituição (ainda legal e socialmente reconhecida, com CGC, CNPJ), em troca de um valor considerado justo, de acordo com o patrimônio da escola e a posição na hierarquia da AESCRJ. Nos últimos anos, a não aceitação de novas associadas, realçou este processo, única forma de garantir um lugar na estrutura da Associação.

Todo ano depois dos resultados dos desfiles acontecem certas negociações. Quando as escolas estão enfraquecidas e as comunidades desmobilizadas, os dirigentes aproveitam para fazer negociação com as entidades. Repassam a escola para outro grupo dirigente em troca de dinheiro ou aceitam interferência na gestão, ficando apenas como “testa de ferro”. Sempre tem alguém querendo “comprar” uma escola. Depois do carnaval, as piores colocadas são as mais visadas para este tipo de negócio. Não é ilegal nem usurpação de nada, mas uma estratégia que as pessoas encontraram. A gente aqui sabe de tudo. (Entrevista com diretor da AESCRJ. Rio de Janeiro, 2008)

Também são comuns as dissidências. Divergências internas em uma grande escola podem gerar outra escola de samba, que será nova só no nome, visto que formada pelos mesmos agentes sociais da escola maior, então dividida – o caso mais famoso é o G.R.E.S. Tradição, uma dissidência da Portela. O fenômeno das dissidências pode ter efeito pernicioso para as agregiações, que tendo assim suas comunidades de sustentação divididas, tendem a diminuir e enfraquecer, embora a escola recém-criada, possa ter nos primeiros anos um desempenho acima da média. Portela e Tradição ilustram bem tal caso: a primeira lutando para recuperar-se da perda de muitos de seus integrantes de sustentação e prestígio, há tempos não consegue ganhar um título; a segunda, depois de ganhar vários campeonatos seguidamente, chegando ao Grupo Especial em tempo recor-

de, e lá se mantendo sempre com dificuldade durante alguns anos, começou a amargar resultados fracos.

Outra estratégia é a fusão: duas escolas pequenas ou dois blocos de enredo, ou ainda um bloco de enredo e uma escola podem fundir-se com o intuito de formar uma escola maior – desde que a proximidade e as boas relações entre as comunidades de origem o permitam⁹. Sendo assim, nem sempre grupos que aparecem como “novas escolas de samba” correspondem a novas estruturas socioadministrativas, mas apenas a uma nova arrumação de estruturas já cristalizadas. Se observarmos as escolas de samba cariocas criadas na década de 1990, veremos muitos exemplos deste tipo.

A criação de escolas de samba obedece a um regulamento estabelecido pela AESCRJ. Hoje, a maioria das escolas que pleiteia tal posição precisa estar nos primeiros grupos dos Blocos de Enredo, categoria que permite fazer o desfile teste, que, se aprovado pela AESCRJ, concede à agremiação o título de “escola de samba”, que começará obrigatoriamente a desfilar no Grupo Rio de Janeiro 4. Recentemente, acompanhei a trajetória das duas mais novas escolas de samba aceitas pela Associação, no ano de 2005: a Rosas de Ouro e a Corações Unidos do Amarelinho. No ano do desfile teste, ambas fizeram desfiles bem superiores aos dos Grupos de Acesso E e D, sendo aprovadas no desfile teste da Associação; em 2006, concorrendo para valer com as escolas do Grupo de Acesso E, o Amarelinho repetiu a *performance*, subiu imediatamente para o Grupo D e nos anos seguintes teve carreira meteórica, chegando ao Grupo de Acesso B em 2009, com direito ao desfile na Marquês de Sapucaí, realizando o sonho da “trajetória ideal”; mas a Rosas de Ouro decepcionou: em 2007, apresentou um desfile cheio de problemas, com alas incompletas, carros alegóricos inacabados e vazios. Chegou ao Grupo D e lá permaneceu. Trajetórias tão diferenciadas para escolas “novatas” dão margem a muitos comentários de bastidores: “Essas escolas novas são todas assim: no desfile teste vêm animadas, bonitas, cheias de gente, depois que são aprovadas vão esvaziando, relaxando, fica tudo igual às outras. Fazer um desfile bom é fácil, quero ver é manter o nível, ano após ano” disse um funcionário da AESCRJ. “Para escola dar certo tem que ter alguém forte por trás. Não dá para contar só com esse dinheirinho da Associação. O Amarelinho tem um homem forte lá, que está bancando a escola, está fazendo um bom trabalho”, diz outro. “Bancar com dinheiro do tráfico é fácil, não dá para comparar com as outras escolas que não aceitam isso”, retruca um terceiro.

A DIMINUIÇÃO DO NÚMERO DE ESCOLAS

Os desfiles teste, no entanto, não acontecem todos os anos, sendo uma forma de controlar a criação de escolas. Desde 2004, quando ainda elaborava o projeto de pesquisa, fiquei sabendo da intenção, por parte de diretores da AESCRJ, de transformar o Grupo de Acesso E (atual Rio de Janeiro 4) em um Grupo de Avaliação – último da hierarquia e com menor subvenção, os desfiles estavam sendo considerados muito fracos:

Estamos disciplinando cada vez mais a criação de novas escolas. A Associação por enquanto não aceita mais filiadas. Você pode até fundar uma escola, mas

não poderá participar do desfile da Associação nem receber verbas, isso inibe as iniciativas. Tomamos essa decisão para não inchar ainda mais. O projeto geral é em 2006 ter o Grupo Especial com 12, grupo de Acesso A com 8, grupo B, C, D com 10 cada um e transformar o grupo E numa espécie de Grupo de Avaliação, onde as escolas desfilam para serem avaliadas, sem ajuda do poder público, e as vencedoras podem então integrar um grupo oficial. Não adianta criar uma escola hoje e “enrolar a bandeira” amanhã, como acontece muito. É preciso ter uma estrutura. (Entrevista com diretor da AESCRJ, Rio de Janeiro, 2005)

“Enrolar a bandeira” corresponde ao processo de definhamento e extinção das agremiações, algo equivalente ao usual “pendurar as chuteiras” no mundo do futebol. Ao mesmo tempo em que se criaram muitas escolas de samba no Rio, outras desapareceram. Num balanço geral, entre 1984 e 2008, 15 escolas deixaram de desfilar¹⁰. Apesar disso, não observamos a diminuição do número total de escolas, mas sim um processo de substituição de antigas por novas agremiações. A maioria das escolas desaparecidas tinha mais de 30 anos, enquanto a maior parte das que desfilam hoje nos Grupos Rio de Janeiro 2, 3 e 4 tem menos de 20. São escolas “novas” do ponto de vista da existência legal, mas, como visto, frequentemente embasadas em estruturas sociais mais antigas.

O esquema empresarial adotado pelo Grupo Especial, que obteve excelência administrativa, autogerência e otimização dos lucros, parece seduzir todas as escolas, apesar da dificuldade de aplicá-lo nos Grupos de Acesso. As estratégias de que nos falam os diretores da AESCRJ sobre a diminuição do número de escolas por grupo, a restrição para criação de novas escolas e mesmo a extinção de outras, parecem indicar novamente uma tendência para o fechamento do campo.

Em 2006, vi todos os grupos que desfilam na avenida Intendente Magalhães (C, D e E) e as escolas do Grupo E surpreenderam a assistência, apresentando desfiles de nível superior ao próprio Grupo D. Depois fiquei sabendo que os boatos de extinção mobilizaram administradores e carnavalescos para melhorar as apresentações deste grupo, neutralizando tal discurso. Em outra conversa com um diretor da AESCRJ, mediada pela observação das fotos em que eu apontava alguns problemas como esvaziamento das alas, alegorias inacabadas, sem destaques e falhas na infraestrutura montada para o desfile pela Riotur, ele confirmou tal disposição:

Há uma pressão muito grande para que a gente diminua o número de escolas e chegue a 30 escolas aqui na associação. Hoje são 59. Eu acho uma mudança muito drástica, sou contrário a esse arrocho, mas há uma corrente fortíssima que insiste nisso por conta de algumas situações que observamos nessas suas fotos, escolas sem as características de escola de samba. A gente procura orientar os dirigentes, mas nem todas as escolas têm o grau de organização mínimo. Tudo passa pelo homem que administra. Às vezes ele não é tão sério, tão competente ou aplicado e deixa a escola chegar num ponto degradável. (Entrevista com diretor da AESCRJ. Rio de Janeiro, 2007)

Até 2008, o regulamento do Grupo E previa que “a última colocada não participará do próximo desfile. No retorno, após cumprir 01 (um) ano de afastamento, não po-

derá figurar nas últimas duas colocações sob pena de desfiliação [da AESCRJ]”. (AESCRJ, 2008) Os sambistas concordam que este tipo de penalização contribui para “acabar com a escola”. Assim opina uma diretora da Unidos de Vila Santa Tereza, escola que já esteve bem perto de tal situação, quando ficou entre as últimas colocadas do Grupo E: “Estamos torcendo para ficar no mesmo lugar, mesmo que a gente não ganhe. Ficando sem desfilar, acabou a velha-guarda, acabou tudo! Todo mundo debanda. Ficar sem desfilar é complicado, é melhor desfilar e se manter no mesmo lugar, mesmo que não seja um lugar tão bom”¹¹.

Assim, a penalização é vista como uma espécie de estratégia para enfraquecer as pequenas escolas. Na verdade é uma pena composta: primeiro a escola não pode ser a última colocada; depois, ao voltar, não pode ser sequer a penúltima, sob pena de desfiliação, ou seja, da exclusão da estrutura hierárquica da AESCRJ. Depois de um ano sem desfilar é pouco provável que uma escola consiga fazer uma apresentação que lhe garanta boa colocação, pois a comunidade se desmobiliza e muitos participantes filiam-se a outras agremiações.

Sendo assim, pude observar nestes quatro anos de pesquisa alguns aspectos daquilo que provisoriamente estou chamando de “crise” das agremiações sambistas também na cidade do Rio de Janeiro. Nas pequenas escolas de samba, o fenômeno é sobremaneira mais visível e se manifesta de várias formas: não só insuficiência financeira, mas diminuição do contingente de desfilantes (na maioria das escolas de 300 a 600, mesmo com a doação de todas as fantasias), incompletude de algumas alas-chave como baianas e bateria (tradicionalmente mantidas pela administração da escola e que dependem de alto nível de participação comunitária), esvaziamento dos eventos intraquadra e instabilidade administrativa, com alto índice de intercâmbio de diretores e deposição de diretorias. Embora ainda seja grande o nível de dedicação e sacrifício por parte daqueles que decidem participar de uma pequena escola de samba, e os desfiles em Campinho se mostrem cada vez mais organizados e tranquilos, foi possível constatar variados graus de insatisfação em relação à resposta comunitária, às administrações superiores da AESCRJ e da Riotur, ao local e infraestrutura para os desfiles, sobretudo pela distância do centro do Rio, historicamente principal palco da festa.

NOTAS

- 1 Este artigo é um excerto da minha tese de doutoramento (ARAÚJO, 2008), onde elegi como objeto de estudo o mundo das escolas de samba cariocas dos Grupos de Acesso C, D e E.
- 2 A AESCRJ congregava, em 2008, cerca de 56 escolas em cinco grupos hierarquicamente separados. Os grupos de Acesso A, B, C e D contavam com 12 a 14 escolas cada um. O grupo de Acesso E era o menor com apenas 6 a 8 escolas. Segundo a AESCRJ (2004). A AESCRJ completou 70 anos em 2004, foi criada em 1934 com outro nome: “O acontecimento mais importante de 1934 foi a criação, no dia 6 de setembro, da União das Escolas de Samba, UES, uma entidade que começou com 28 escolas [...] e sua primeira reivindicação junto à então prefeitura do Distrito Federal foi a oficialização dos desfile

- das escolas, o que garantiria uma subvenção oficial, como já ocorria com as grandes sociedades, ranchos e blocos.” (CABRAL, 1996, p. 95- 97)
- 3 Quando a pesquisa foi realizada, entre 2005 e 2008 a Lesga ainda não existia. Dessa forma algumas informações e parte da antiga terminologia referentes aos antigos Grupos de Acesso A, B, C, D e E foram mantidas neste artigo.
- 4 “A Associação tinha um problema de credibilidade junto aos órgãos públicos, era difícil o acesso, não era convidada para evento nenhum, não tinha participação. O presidente da RioTur deixava a gente esperando horas e horas, só atendia quando podia... Quando nós assumimos, procuramos fazer um trabalho para que essa “parte negra” fosse esquecida, procuramos dar credibilidade a casa e hoje a Associação é um dos poderes no mundo do samba, não se faz nada na cidade em questão de samba sem que a Associação participe. Temos acesso direto a todas as pessoas envolvidas com carnaval, inclusive o senhor Prefeito, que nos recebe a qualquer hora, com o governo do Estado, que hoje nos auxilia bastante. A casa hoje está em outro patamar e esta foi a grande dificuldade que meus antecessores tiveram”. Entrevista com diretor da AESCRJ. Rio de Janeiro, 2008.
- 5 Jornal O Dia. Rio de Janeiro, 10 de fevereiro de 2005.
- 6 Tudo depende do tom de voz e do contexto do discurso. Em conversas e entrevistas com dirigentes e integrantes das pequenas escolas de samba, não é raro que eles próprios se refiram às suas agremiações como “minha escolinha...” ou “a escolinha lá do bairro...”, reconhecendo a dimensão diminuta daquilo que integram, no entanto, de forma bem positiva. Na medida em que se sobe na hierarquia dos grupos, o diminutivo “escolinha” passa a ser usado de forma menos condescendente.
- 7 Alguns nomes e datas apresentados nos quadros a partir de então ainda estão em processo de investigação e podem merecer retificação. De qualquer forma, o objetivo da pesquisa não é traçar marcos definitivos baseados na história linear, mas iluminar alguns processos evolutivos da dinâmica cultural no campo carnavalesco.
- 8 Em São Luís, por exemplo, existem os “blocos organizados”, categoria que apresenta enredo e samba-enredo e uma alegoria opcional. Mas desfila com uma única fantasia padrão, como uma grande ala, e não possui outros elementos característicos das escolas como o casal de mestre-sala e porta-bandeira, ala de baianas etc. Não é uma operação fácil transformar tal estrutura em uma futura escola. Assim, em São Luís, a existência dos blocos de enredo não funciona como estímulo para a criação de novas escolas de samba.
- 9 Casos da Independentes da Praça da Bandeira, Inocentes de Belford Roxo e Alegria da Zona Sul. Para que estas três escolas surgissem, fundiram-se três blocos de enredo e duas escolas de samba, num total de cinco agremiações. O que se chama de “boas relações” entre as comunidades inclui também as divisões geográficas da cidade pelas facções criminosas, que muitas vezes participam e apoiam as escolas. Algumas vezes, mesmo estando próximas geograficamente, e ainda havendo vontade de alguns agentes, a fusão de duas agremiações é impossível.
- 10 Independentes de Cordovil, Foliões de Botafogo, Tupy de Brás de Pina, Unidos de Nilópolis, Unidos de Bangu, Império de Marangá, Independente do Zumbi/União de Rocha Miranda, Unidos da Zona Sul, Acadêmicos do Caxambi, Unidos do Campinho, União de Campo Grande, União de Guaratiba, Império de Campo Grande, Mocidade de Vasconcelos e Unidos da Matriz.
- 11 Entrevista com Presidente da Velha Guarda da UVST. Rio de Janeiro, 2005.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AESCRJ. Revista Alegria e Arte – Comemorativa dos 70 anos da Associação das Escolas de Samba da Cidade do Rio de Janeiro. VIC Eventos: Rio de Janeiro, 2004.
- _____. Regulamento Específico das Escolas de Samba do Grupo E/2008.
- ARAÚJO, Eugênio. *Não deixa o samba morrer*: um estudo histórico e antropológico sobre o carnaval de São Luís e a escola Favela do Samba. São Luís: Edufma, 2001.
- _____. *Valorizando a batucada*: um estudo sobre as escolas de samba cariocas dos Grupos de Acesso C, D e E. Tese de doutoramento. Programa de Pós-graduação em Artes Visuais, EBA/UFRJ, 2008.
- CABRAL, Sérgio. *As escolas de samba do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Lumiar, 1996.
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *Carnaval carioca*: dos bastidores ao desfile. Rio de Janeiro: Edufrj, 1994.
- CHINELLI, Filipina & MACHADO, Luis Antonio. O vazio da ordem: relações políticas e organizacionais entre as escolas de samba e o jogo do bicho. *Revista Rio de Janeiro*, 1993.
- CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Ecos da folia*: uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920. São Paulo: Companhia da Letras, 2001.
- DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1990.
- FERREIRA, Felipe. *Inventando carnavais*: o surgimento do carnaval carioca no século XIX e outras questões carnavalescas. Rio de Janeiro: Edufrj, 2005.
- LEOPOLDI, José Sávio. *Escola de samba, ritual e sociedade*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1977.
- RIOTUR. *Memória do carnaval*. Rio de Janeiro: Oficina do Livro, 1991.
- SEN, Amartya. *Desigualdade reexaminada*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

Eugênio Araújo é Doutor e Mestre em Artes Visuais pela EBA/UFRJ e Professor Adjunto do Departamento de Artes da Universidade Federal do Maranhão.

